

Política e sexualidade na trajetória de Reich: Berlim (1930-1933)

Politics and sexuality in the trajectory of Reich: Berlim (1930-1933)

Ailton Bedani^I; Paulo Albertini^{II}

^IUniversidade de São Paulo (USP), São Paulo, Brasil

^{II}Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, Brasil

[Endereço para correspondência](#)

RESUMO

Este artigo aborda o trabalho de cunho sexo-político que Wilhelm Reich empreendeu em Berlim, entre 1930 e 1933. Procurou-se destacar, aqui, quatro aspectos: a) o projeto reichiano de agregar em uma única organização, conhecida como SEXPOL, diferentes grupos alemães que debatiam questões relativas à sexualidade; b) as publicações de conotação sexo-política nas quais o autor e seus colaboradores focalizaram temas relacionados à infância e à adolescência; c) as análises reichianas a respeito da função social da repressão sexual; d) os estudos que Reich elaborou, do ponto de vista da Sexologia Política, a respeito do nazifascismo. Três fontes de dados foram consultadas: as principais publicações de orientação sexo-política que Reich trouxe a lume no período 1930-1933; relatos autobiográficos e uma entrevista em que o autor, na maturidade de sua obra, reavaliou sua participação política na Europa; os trabalhos de alguns comentadores que analisaram a produção freudo-marxista reichiana.

Palavras-chave: Pensamento reichiano; Sexualidade; Política; freudo-marxismo; Psicanálise.

ABSTRACT

This study focuses on the sex-political work undertaken by Wilhelm Reich in Berlin, between 1930 and 1933. Four aspects have been chosen to be exposed here: a) the Reichian project of joining together in a single organization, known as SEXPOL, diverse German groups that discussed issues relating to sexuality; b) the publications of sex-political connotation in which the author and his collaborators focused on themes related to childhood and adolescence; c) Reichian analysis dealing with the social function of sexual repression; d) the studies elaborated by Reich, by the light of Political Sexology, focused on Nazi-Fascism. Three sources of data were consulted: the main sex-political works by Reich published during the period 1930-1933; autobiographical reports and an interview in which the author, in the mature days of his work, reassessed his political participation in Europe; the works by some of the commentators who examined Reich's Freudo-Marxian production.

Keywords: Reichian theory; Sexuality; Politics; Freudo-Marxism; Psychoanalysis.

No período 1927-1933, o médico e então psicanalista Wilhelm Reich (1897-1957) envolveu-se visceralmente com o movimento político de esquerda. Atuando inicialmente em Viena (1927-1930) e, depois, em Berlim (1930-1933), o autor desenvolveu uma ampla teorização de conotação freudo-marxista e coordenou diversos trabalhos de intervenção social, apoiando-se na visão de que política e sexualidade são domínios interligados e indissociáveis.

Esta pesquisa focaliza as atividades de intervenção social empreendidas por Reich entre 1930 e 1933, período em que residiu na cidade de Berlim. Procuramos avaliar aqui, mais especificamente: a) o projeto, elaborado por Reich, de formar uma ampla organização que congregasse grupos interessados em problematizar politicamente a questão da sexualidade; b) o trabalho sexo-político dirigido às crianças e aos adolescentes; c) os estudos que o autor empreendeu a respeito da função social da repressão sexual; d) a tentativa reichiana de compreender o irracionalismo fascista.

Consultamos, nesta investigação, três fontes de dados: as principais publicações em que Reich abordou, no período 1930-1933, temas relacionados à sexologia política; relatos autobiográficos e uma entrevista em que o autor reavaliou sua participação política na Europa; os trabalhos de alguns comentadores que analisaram a produção reichiana de conotação sexo-política.

Este estudo está dividido em seis seções. Inicialmente, a título de introdução, sintetizamos os dados acerca do primeiro estágio da produção freudo-marxista reichiana (o período 1927-1930). Passando a nos dedicar especificamente ao nosso objeto de estudo (a produção sexo-política reichiana em Berlim, entre 1930 e 1933), focalizamos, em um segundo momento, um projeto formulado por Reich, conhecido como SEXPOL, que objetivava reunir em uma única organização diversos grupos alemães que discutiam a temática da sexualidade. Na terceira parte deste trabalho, resgatamos algumas produções em que o autor e seus colaboradores abordaram, do ponto de vista da Sexologia Política, temas concernentes à infância e à adolescência. Na quarta seção do artigo, apresentamos sucintamente as análises reichianas a respeito da função social da repressão sexual, indicando certas interfaces que Reich estabeleceu com os trabalhos de Malinowski. Na quinta parte, recuperamos algumas análises e críticas que Reich endereçou ao irracionalismo fascista, e os conflitos que o autor vivenciou com o Partido Comunista Alemão e com a Associação Psicanalítica Internacional. Na última seção, apresentamos algumas reavaliações de Reich a respeito de suas atividades sexo-políticas e procedemos a uma breve discussão acerca da atualidade das ideias freudo-marxistas reichianas.

SÍNTESE DA PRIMEIRA ETAPA DA SEXOLOGIA POLÍTICA REICHIANA

Antes de nos determos no trabalho sexo-político empreendido por Reich na Alemanha, entre 1930 e 1933, cabe mencionar, a título de introdução, alguns dados que, a nosso ver, permitirão que o leitor se situe melhor em relação aos temas centrais do presente artigo. Tendo em vista essa breve contextualização, indicaremos, logo abaixo, um dos eixos teóricos da obra de Reich (a teoria da potência orgástica) e resumiremos as ideias e projetos que marcaram, na Viena do período 1927-1930, a fase inicial da produção freudo-marxista reichiana.

Reich foi admitido como membro da *Associação Psicanalítica de Viena* em 1920, antes mesmo de se graduar em Medicina (a formatura ocorreu em 1922). A partir de 1923, ele passou a defender a tese de que o núcleo das neuroses reside em uma insatisfatória descarga genital da excitação sexual. Um processo terapêutico bem-sucedido deveria restabelecer, a seu ver, a "potência orgástica". Esse conceito foi amplamente desenvolvido por Reich em um livro publicado em 1927, **Die Funktion des Orgasmus (A função do orgasmo)** e sinteticamente definido, na maturidade da obra do autor, da seguinte forma:

[...] potência orgástica é a capacidade de se entregar ao fluxo da energia biológica, sem quaisquer inibições; a capacidade de descarregar completamente, por meio de convulsões involuntárias e prazerosas do corpo, a excitação sexual acumulada (REICH, 1942-1989, p. 102, tradução nossa).

Além de atuar em consultório privado, Reich também trabalhou, de 1922 a 1930, na *Policlínica Psicanalítica de Viena*, uma instituição que oferecia tratamento terapêutico às pessoas que não dispunham de recursos financeiros para bancar o atendimento convencional. Nessa clínica psicanalítica popular ele pôde observar, de forma vívida, a difícil condição existencial de indivíduos que sofriam simultaneamente com sérios problemas psicológicos e com a pobreza material (REICH, 1942-1989).

Em 1927, Reich ingressou no movimento de esquerda, motivado, especialmente, pela profunda indignação que sentira, em 15 de julho daquele ano, ao presenciar o assassinato, pelas forças policiais, de grevistas vienenses que protestavam pacificamente.

Buscando, inicialmente, respostas para a barbárie que observara nas ruas de Viena e procurando, depois, uma compreensão científica da dinâmica social, Reich avaliou que a teoria psicanalítica, elucidativa no que tange à vida inconsciente, deixava a desejar quando se voltava para a análise dos fenômenos sociais. Nas obras de Marx, porém, ele acreditou ter encontrado uma apreensão mais efetiva dos "processos e condições socioeconômicos objetivos, independentes da vontade humana consciente, determinantes de nossos pensamentos e existência" (REICH, 1953-1976, p. 67, tradução nossa). Interessado em contemplar a interface indivíduo-sociedade, o autor publicou, em 1929, um estudo fundamental no campo da literatura freudo-marxista, **Dialektischer Materialismus und Psychoanalyse (Materialismo dialético e Psicanálise)**, texto em que buscava estabelecer articulações e identificar aspectos conflitantes entre as ideias de Freud e Marx.

Pautando-se pela teoria da potência orgástica, inspirando-se em alguns referenciais energetistas que encontrara nas obras de Freud e Marx e valendo-se do materialismo histórico e dialético, Reich fundou, por volta de 1928, um novo ramo de investigações, a Economia Sexual (REICH, 1942-1989).

Investindo na tese de que "a miséria sexual era essencialmente causada por condições enraizadas na ordem social burguesa" (REICH, 1953-1976, p. 107-108, tradução nossa) e almejando ir além da pesquisa teórica, o autor e alguns colegas fundaram, em 1928, a *Sociedade Socialista para Aconselhamento e Investigação Sexual*, uma organização que se propunha a oferecer informações gratuitas sobre problemas conjugais e sexuais, controle de natalidade, educação de crianças e "higiene mental em geral". Trabalhando a partir de uma perspectiva higienista que apostava na prevenção das doenças psíquicas (CÂMARA, 1999; RAMALHO, 2001; ALBERTINI et al, 2007), o projeto cresceu rapidamente e seis centros de aconselhamento foram criados em Viena. De acordo com o relato reichiano, no período de um ano e meio os centros prestaram atendimento a aproximadamente setecentas pessoas, e milhares participaram de palestras que abordavam problemas emocionais/sexuais (REICH, 1942-1989).

Gradualmente o autor se deu conta, entretanto, que a intervenção pontual, apesar de seus aspectos benéficos, não era suficiente para lidar com a ampla "miséria econômico-sexual". Em busca de um programa profilático, Reich identificou, no final da década de 1920, três fatores que determinavam, a seu ver, o "flagelo neurótico": a) a rígida moral autoritária a que recorriam os educadores, para coibir a espontaneidade e inibir a sexualidade na infância; b) os mecanismos sociais que visavam amortecer as capacidades críticas e as necessidades sexuais dos adolescentes; c) a monogamia obrigatória e vitalícia que, muitas vezes, resultava em uma devastadora infelicidade conjugal (REICH, 1942-1989).

A partir de um contato direto e cotidiano com o proletariado vienense (inclusive com a juventude), o autor acabou chegando à conclusão geral que a supressão da sexualidade das crianças e adolescentes tinha a função, em última instância, "de facilitar, para os pais, a imposição de que seus filhos os obedecessem cegamente" (REICH, 1942-1989, p. 224, tradução nossa).

Reich (1986) estabeleceu, também, diferenciações entre "relação sexual duradoura" (um envolvimento que não é refém de um prazo preestabelecido, encontrando sustentação no carinho que nasce das experiências prazerosas em comum e no aprendizado das mútuas necessidades sexuais) e "casamento compulsório" (um envolvimento vitalício, regulado basicamente pelo moralismo e por questões de ordem econômica, sem qualquer preocupação do casal com a qualidade de suas relações afetivas e sexuais).

De acordo com o relato reichiano, Freud viu com bons olhos, em um primeiro momento, o trabalho realizado nas clínicas de aconselhamento (HIGGINS; RAPHAEL, 1967-1972). Reich comenta, porém, que não tardou para que ocorresse uma profunda ruptura entre ele e o fundador da Psicanálise. A cisão efetivou-se durante uma reunião na casa de Freud, em 12 de dezembro de 1929, quando Reich, apoiando-se em mais de dois anos de atividades com a população carente de Viena, apresentou uma série de reflexões sobre a dimensão político-sociológica das neuroses e a urgente necessidade de se adotar medidas profiláticas. Convicto de que a sociedade estava produzindo neuroses em massa, o autor acreditava que a intervenção psicanalítica deveria ultrapassar os limites do consultório particular e assumir, claramente, um papel transformador no contexto social (REICH, 1942-1989).

Freud teria ficado, naquela reunião de dezembro de 1929, profundamente incomodado com a perspectiva política com a qual Reich estava abordando o tema da neurose, o problema da repressão sexual e a questão da infelicidade das massas. Após ouvir as explanações de seu discípulo sobre as consequências sociais da teoria da libido e a premente necessidade de uma profilaxia das neuroses,

Freud afirmou enfaticamente, de acordo com as reminiscências do Reich maduro, que “a cultura vem em primeiro lugar” (HIGGINS; RAPHAEL, 1967-1972, p. 45, tradução nossa).

Experienciando, em Viena, um conflito direto com Freud e alimentando, provavelmente, a expectativa de que encontraria, em Berlim, psicanalistas mais receptivos às suas teorias clínicas e sexo-políticas, Reich mudou-se, em setembro de 1930, para a Alemanha. Porém, antes de deixar a cidade em que vivera por mais de uma década, ele se reuniu com Freud (foi a última vez que se encontraram), insistindo na diferenciação entre “família natural” e “família compulsória” e reafirmando a importância da profilaxia das neuroses. Freud teria então dito a Reich, em tom irritado, que suas teorias nada tinham a ver com a orientação básica da Psicanálise (HIGGINS, RAPHAEL, 1967-1972).

BERLIM: SEXPOL E ASCENSÃO DO NAZISMO

Interessado na realização prática de suas ideias, Reich deu continuidade, na Alemanha, ao trabalho sexo-político. Residindo em Berlim entre 1930 e 1933 e filiado ao *Partido Comunista Alemão*, o autor participou ativamente de manifestações contra o nazismo e continuou se envolvendo em projetos de cunho social (além de se dedicar à clínica em consultório privado e à produção teórica no campo da técnica terapêutica).

Beneficiando-se do aprendizado obtido nos grupos de discussão vienenses, Reich, durante sua estadia na Alemanha, chegava a proferir duas palestras por semana, como relata em sua autobiografia política, **People in trouble (Pessoas em dificuldades)**, publicada originalmente em 1953. No tenso clima da Alemanha do início da década de 1930, o autor fazia conferências em diversas organizações filiadas ao movimento de esquerda, como, por exemplo, na *Associação dos Médicos Socialistas*, instituição na qual discorreu, para cerca de duzentos médicos e estudantes, sobre o tema da profilaxia das neuroses. Na *Escola dos Trabalhadores Marxistas*, entidade que distribuía seus escritos por toda a Alemanha, ele coordenou cursos sobre Marxismo e Psicologia e Sexologia (REICH, 1953-1976, p. 139).

Nas palestras em que se dirigia aos proletários alemães, o autor costumava focar, de forma franca, temas cotidianos e prementes, tais como o problema da moradia, os dilemas religiosos e a atitude negativista dos educadores em relação à sexualidade das crianças: “Nós abordávamos as questões econômicas do ponto de vista das necessidades humanas e não, como faziam os economistas marxistas, a partir das teorias econômica ou histórica, que não interessavam em nada às massas” (REICH, 1953-1976, p. 140, tradução nossa).

Mas, de acordo com os escritos de Reich, esse estilo de abordagem não era a regra entre os militantes mais instruídos dos partidos de esquerda; tais militantes, como relembra o autor em **People in trouble**, geralmente prendiam-se a formalismos e a excessivas teorizações, adotando uma postura que não favorecia o acesso à grande massa proletária e aos seus problemas cotidianos. A ideologia nazista, por sua vez, recorria a meios mais acessíveis. Fazendo uso de uma linguagem carregada de moralismo e manipulando com maestria o anseio de felicidade das massas, o fascismo angariava cada vez mais adeptos (REICH, 1953-1976).

Consciente do avanço do nazismo e do perigo que essa ideologia representava, Reich continuou apostando na força transformadora da sexologia política. O autor comenta que, na Alemanha do início da década de 1930, havia cerca de oitenta organizações que trabalhavam com questões relativas à sexualidade. Professando orientações muito distintas e não raramente rivalizando entre si, tais organizações teriam chegado a reunir um número significativo de participantes que nem mesmo os grandes partidos haviam conseguido angariar (cerca de 350. mil pessoas, de acordo com as estimativas reichianas). Na opinião de Reich, esses grupos produziam algum avanço social, mas evitavam temas cruciais, tais como os dilemas da adolescência; além disso, não dispunham de uma “concepção de base sobre sexualidade e muito menos sobre orientação sociopolítica”. Ocorreu-lhe, então, a ideia de agregar o maior número possível daquelas organizações, a partir de “um esforço conscientemente dirigido” (Reich, 1953-1976, p.151, tradução nossa). O projeto foi levado adiante e criou-se uma associação que deveria ser dirigida por Reich, “por outros dois médicos, por um deputado do Parlamento Alemão (*Reichstag*) e pelos dirigentes da IFA – Interessengemeinschaft für Arbeiterkultur [Comunidade de Interesses para uma Cultura dos Trabalhadores]” (Matthiesen, 2003, p. 114). Com o apoio do Partido Comunista Alemão, deu-se em 1931 o primeiro congresso da *Associação Alemã para uma Política Sexual Proletária*. O encontro, a julgar pelos relatos reichianos, reuniu oito organizações que representavam vinte mil pessoas. Reich comenta que não tardou para que outros grupos se associassem ao projeto, e para que novos fossem criados. Segundo o autor, surgiu, assim, um movimento chamado SEXPOL, que teria crescido rapidamente, chegando a contar com quarenta mil participantes.

Em suas memórias, Reich menciona que, nos grupos existentes em várias regiões da Alemanha, pessoas de diferentes classes sociais e orientações ideológicas expunham seus dilemas sexuais/emocionais, ávidas por respostas. Por outro lado, a questão da luta de classes e outros temas caros aos dirigentes comunistas eram cada vez menos debatidos: "As pessoas queriam simplesmente conselhos práticos e ajuda sobre suas dificuldades conjugais, criação dos filhos, distúrbios sexuais e crises morais de consciência" (REICH, 1953-1976, p. 154, tradução nossa).

O autor relata que, inicialmente, o *Partido Comunista Alemão* viu com bons olhos a grande força de atração exercida pela SEXPOL. Com o decorrer do tempo, porém, líderes partidários passaram a boicotar o movimento, acusando a orientação reichiana de dar mais valor à política sexual do que à política econômica. Apesar dessas críticas, Reich continuou o seu trabalho, treinando alunos para participarem das atividades nas organizações e produzindo escritos de orientação sexo-política, tendo como uma de suas preocupações centrais as dificuldades emocionais e sexuais vivenciadas por crianças e adolescentes (REICH, 1953-1976).

A Repressão Sexual na Infância e na Adolescência

Ao trabalhar com a população proletária, Reich ficou impressionado com as grandes dificuldades que os adolescentes vivenciavam na esfera sexual. Resolveu escrever, então, um texto didático que contemplasse, de maneira franca, os principais problemas sexuais e conflitos que os adolescentes experienciavam sob a égide do "Estado burguês". Em janeiro de 1932 finalizou **Der sexuelle Kampf der Jugend (O combate sexual da juventude)**, um pequeno livro que aborda o funcionamento do aparelho reprodutor, os métodos anticoncepcionais, as doenças venéreas, a tensão sexual e sua descarga. Mas que analisa, também, a "significação da vida sexual do adolescente no capitalismo", questionando: "Que ligação há entre a ordem social capitalista, a sua ordem sexual e a maneira como é tratada a sexualidade da juventude? Qual é a significação da repressão sexual da juventude?" (REICH, 1932-1975, p. 133).

Na avaliação do autor, os adolescentes estavam imersos em uma intensa crise social de valores. Na própria classe operária, de acordo com a leitura reichiana, fazia-se atuante a tradicional moralidade burguesa com seu ideal de abstinência sexual na adolescência; ainda que essa lógica moral tolerasse as práticas eróticas que elevavam ao máximo a excitação, proibia, contudo, que a tensão se diluísse em uma entrega orgástico-genital. Ao mesmo tempo, novos valores morais, estilos de comportamento e concepções de mundo irrompiam velozmente, como sinalizavam os movimentos artísticos de vanguarda, as revolucionárias descobertas científicas, a onda de impacto produzida pela Revolução Bolchevique, a luta pelos direitos sociais da mulher, as formulações da Psicanálise e a franqueza com a qual as questões sexuais começavam a ser abordadas.

Reich (1986, p. 119, tradução nossa) notou, porém, que os novos e revolucionários valores associados às mudanças político-culturais não eram absorvidos com facilidade. Comparando os jovens "de hoje" (décadas de 1920 e 1930) aos da "virada do século" (do XIX para o XX), afirmou:

Os adolescentes de hoje carregam um fardo infinitamente mais pesado do que a juventude na virada do século. Esta última ainda podia ser completamente reprimida; mas hoje, todas as forças da adolescência estão irrompendo. Porém, a juventude carece tanto de suporte social quanto de capacidade estrutural para lidar com essas forças.

O autor logo constatou que a vida sexual do adolescente no sistema capitalista era repleta de contradições e problemas de difícil solução. Acionada interna ou externamente, a supressão da excitação na adolescência podia resultar nas mais variadas patologias neuróticas; mas a satisfação dos impulsos sexuais também não era algo simples, pois esbarrava em inúmeros problemas de ordem social. O que fazer?

[...] sem uma solução básica para a questão da educação sexual de crianças e sem uma resolução para os problemas da contracepção e da moradia, um apelo acrítico aos adolescentes no sentido de terem relações sexuais seria tão irresponsável e prejudicial quanto a exigência de abstinência (REICH, 1986, p. 118, tradução nossa).

Antes de publicar seus estudos sexo-econômicos sobre a adolescência, Reich distribuiu, entre os jovens, um texto preliminar que retornou repleto de sugestões (mesmo sendo criticado pelo Partido Comunista, o autor era tido em alta conta por grupos de jovens que politizavam a questão da sexualidade). A versão final do livro foi então submetida aos burocratas de Moscou, que consideraram o texto de boa qualidade, mas não julgaram sensato se responsabilizarem por sua publicação. Outra editora, "menos oficial", deveria, segundo os avaliadores russos, publicar a obra, mas mesmo essa proposta não vingou. Diante de tais dificuldades, Reich decidiu fundar sua própria editora, por meio da qual publicou, em 1932, **Der**

sexuelle Kampf der Jugend (com uma tiragem de dez mil exemplares), além de dois trabalhos produzidos por um grupo de profissionais treinados em educação sexo-política: **Das Kreide-Dreieck (O triângulo de giz**, um conjunto de histórias para crianças, fundamentado na Economia Sexual) e **Wenn dein Kind dich fragt (Quando teu filho te pergunta**, um compêndio para mães, a respeito das dúvidas das crianças sobre sexualidade)¹.

Antes da publicação de **Das Kreide-Dreieck**, os autores acharam por bem ler o texto para um grupo de crianças, a fim de observar a reação delas. O material foi apresentado a uma turma de aproximadamente oitenta crianças, de 8 a 12 anos de idade, que, como recorda Reich, ouviram a leitura com extrema atenção e "rostos iluminados". A narrativa tratava de questões associadas à sexualidade, mas não fazia qualquer referência a métodos contraceptivos; esta e outras questões, contudo, não passaram despercebidas aos jovens ouvintes: "Por que não nos ensinam como se evita ter filhos?". 'Isso nós já sabemos', retorquiu um menino a rir. 'O que é uma prostituta?', perguntou um terceiro, 'não se falou disso na história'" (REICH, 1933-s.d., p. 187).

Ainda que o trabalho sexo-político estivesse chegando a grupos de crianças e adolescentes, Reich perseguia, continuamente, uma questão básica: por que a expressividade emocional e a sexualidade são reprimidas, de forma tão autoritária, desde os primeiros anos de vida?

A Função Social da Repressão Sexual

Interessado em investigar se a repressão aos impulsos sexuais, especialmente durante a infância, representava um fenômeno universal, Reich passou a estudar, entre o final da década de 1920 e início da de 1930, uma série de trabalhos antropológicos. Qual é a atitude, perguntou-se o autor, das "culturas primitivas" em relação à vida sexual?

No decorrer de suas pesquisas, ele entrou em contato com as obras do antropólogo inglês Bronislaw Malinowski (1884-1942), um crítico das formulações psicanalíticas que viam no complexo de Édipo um fenômeno determinante na organização de toda e qualquer sociedade. Autor de ampla pesquisa de campo a respeito da organização social e da vida sexual dos nativos das ilhas Trobriand (um arquipélago que faz parte da Papua-Nova Guiné, na Oceania), Malinowski chegou a conclusão, por meio de seus estudos antropológicos comparativos, que o drama edipiano estava exclusivamente relacionado à família patriarcal e à moral sexual repressiva do final do século XIX e início do século XX.

Para o antropólogo inglês, as normas e restrições vigentes em cada sociedade devem ser estudadas em seus específicos contextos socioeconômicos: "é preciso investigar as relações recíprocas entre os influxos biológicos e sociais e, renunciando a uma afirmação da validade geral do complexo de Édipo, estudar separadamente cada tipo de cultura a fim de estabelecer seu 'específico complexo'correspondente" (MALINOWSKI, 1926-1963, p. 267, tradução nossa). No caso dos trobriandeses era fundamental considerar que formavam uma sociedade matrilinear, na qual "a descendência, o parentesco e todas as relações sociais são fixadas legalmente, tomando-se como referência exclusiva a mãe" (MALINOWSKI, 1929-1983, p. 30).

Em 1932, Reich trouxe a público **Der Einbruch der Sexualmoral(A invasão da moral sexual)**, um estudo sobre a origem sociológica da moralidade negadora da sexualidade. Uma segunda edição dessa obra, revista e ampliada, foi publicada por Reich em 1935. No início da década de 1950 o autor procedeu a outra revisão, de caráter conceitual e terminológico; o livro ganhou, então, o título **The invasion of compulsory sex-morality**, tendo sido publicado, nos EUA, em 1971. Com a intenção de apresentar o pensamento e o vocabulário utilizados por Reich em sua fase sexo-política, iremos recorrer, logo a seguir, a uma tradução norte-americana feita a partir da edição de 1935.

Valendo-se das investigações de Malinowski sobre a sexualidade dos habitantes das ilhas Trobriand, Reich afirma não ter identificado, na cultura trobriandesa, quaisquer sinais de perversões sexuais ou neuroses. De acordo com a interpretação reichiana, as crianças pertencentes àquela cultura apresentavam uma vida sexual espontânea, contínua, sem qualquer "período de latência"; os adolescentes exerciam sua sexualidade, sem qualquer restrição, em locais especialmente destinados a eles; e o "casamento", voluntariamente monogâmico, podia ser facilmente dissolvido a qualquer momento.

As pesquisas do antropólogo inglês deixavam claro, no entendimento de Reich, que cultura e moralidade sexo-afirmativa podem coexistir; demonstravam, também, que importantes interditos sociais (como, por exemplo, a proibição do incesto) não são, em si mesmos, obstáculos a uma saudável regulação sexo-econômica. As sociedades patriarcais, por sua vez, anestesiarão as manifestações vitais desde a infância, gerando uma condição existencial apática que prepara o terreno para a escravização econômica e a incrustação psíquica dos valores antissexuais.

Fundamentando-se em diversos estudos etnológicos, Reich procurou avaliar, de uma perspectiva econômico-sexual, as diferenças existentes entre as sociedades matriarcais e as sociedades patriarcais. O autor estava, certamente, familiarizado com a teorização marxista acerca dos estágios socioeconômicos pelos quais teria passado o Ocidente nos últimos dois ou três milênios — comunidade primitiva, escravidão, feudalismo, capitalismo (o socialismo e o comunismo seriam as próximas etapas). Sem negar essas divisões, Reich operou, como analisa Ollman, “com uma periodização baseada em desenvolvimentos sociosexuais, cujos três principais estágios são o matriarcado, o patriarcado (que abarca a totalidade da história registrada) e o comunismo” (OLLMAN, 1972, p. xxiii, tradução nossa). A partir dessa perspectiva, o autor identificou, na evolução das primitivas sociedades matriarcais para as patriarcais e, destas últimas, para “a fase capitalista do patriarcalismo”, o surgimento da moralidade sexo-negativista. Em suas palavras:

Na história da humanidade a ordem sexual (em certa correlação com os interesses econômicos produtivos da sociedade) transformou-se, de sua condição natural de afirmação e suporte da economia sexual humana, em uma ordem sexualmente repressiva e renegadora, que induz a um estilo de vida que se opõe à economia sexual. Este evento histórico esteve diretamente associado à transformação da sociedade matriarcal em sociedade patriarcal, e do comunismo primitivo em sociedade de empresa privada. A repressão sexual é desconhecida na sociedade natural, assim como não pode ser identificada em qualquer organização natural dos seres vivos. A empresa privada e o nascente patriarcado criaram todos os interesses econômicos que culminaram na base social para a moralidade sexo-negadora e a consequente economia sexual humana alterada (REICH, 1935-1972, p. 238, tradução nossa).

O Irracionalismo Fascista

Residindo em Berlim entre 1930 e 1933, Reich acompanhou de perto a ascensão do nazismo. Hitler chegou ao poder respaldado por milhões de votos, ainda que muitos marxistas julgassem que a Alemanha apresentava todas as condições econômicas necessárias para uma revolução social. Apesar do intenso trabalho de conscientização realizado pelos partidos de esquerda e organizações de classe, a plataforma nazista alcançou amplo reconhecimento popular. Por que, perguntou-se Reich, a proposta socialista, com seus ideais de liberdade e igualdade, foi subjugada pela ideologia fascista? Tomando por base o contato próximo que estabeleceu com a grande massa de proletários e desempregados, as pesquisas que empreendeu no campo da Economia Sexual e um sistemático estudo, iniciado em 1930, do ideário nazista, o autor procurou responder àquela pergunta fundamental por meio da obra **Massenpsychologie des Faschismus (Psicologia de massas do fascismo)**, publicada em 1933.

A psicologia de massas reichiana propôs-se a estudar os “processos psicológicos típicos ‘comuns’ a uma camada social, a uma classe, a um grupo profissional etc.” (REICH, 1933-1974, p. 19-20), deixando de lado as diferenças individuais. No decorrer de suas pesquisas, o autor percebeu que o indivíduo médio é portador, em sua estrutura caracterial, de uma profunda cisão entre tendências “revolucionárias” e “reacionárias”. Por um lado, o sujeito deseja significativas mudanças sociais e aspira à felicidade nos âmbitos cultural e sexual; por outro, carrega em sua estrutura uma milenar moral autoritária, patriarcal e sexo-negativa que o torna apático e temeroso de se responsabilizar por seu próprio destino. Entorpecido, desde cedo, pela família autoritária e inserido em um sistema social que suga sua “força de trabalho viva”, o indivíduo, apesar de seus anseios libertários, acaba apoiando justamente a classe que o explora: “a inibição sexual modifica estruturalmente o homem economicamente oprimido, de tal modo que ele age, sente e pensa contra o seu interesse material. O que equivale a uma assimilação à burguesia” (REICH, 1933-1974, p. 34).

O fascismo, na visão de Reich, é a manifestação coletiva, em momentos de crise econômica e social, das contradições presentes na estrutura caracterial do homem médio. Abordando essa complexa questão em sua autobiografia científica **The function of the orgasm (A função do orgasmo)**, publicada em 1942, o autor comenta: “Na verdade, Hitler nada mais representava do que a expressão da trágica contradição entre o anseio por liberdade e o medo real da liberdade” (REICH, 1942-1989, p. 236, tradução nossa).

As análises que Reich endereçou ao fenômeno do fascismo não agradaram, porém, a cúpula do Partido Comunista Alemão. Uma frase presente na abertura de **Massenpsychologie des Faschismus** — “A classe operária alemã acaba de sofrer uma grave derrota [...]” (REICH, 1933-1974, p. 5) — teria irritado particularmente os dirigentes comunistas alemães, tornando ainda mais tensa a relação entre o autor e a direção do partido, de orientação stalinista.

Em 21 de novembro de 1933, o *Partido Comunista Dinamarquês* (o médico-psicanalista estava tentando se refugiar em Copenhague, mas não pertencia à agremiação) em concordância com o *Partido Comunista Alemão* (que havia sido extinto em março) publicou uma nota comunicando a expulsão de Reich; entre os motivos apontados, constam: comportamento antipartidário, criação de uma editora sem aprovação do Partido, publicação de um livro contrarrevolucionário (REICH, 1953-1976, p. 200). Quanto à publicação em questão, o autor fez as seguintes ponderações por volta de 1939: “Organizações

surgem e desaparecem; conceitos válidos têm um desenvolvimento e um futuro. Hoje, **Psicologia de massas do fascismo** é um livro reconhecido na luta contra todo tipo de autoritarismo” (REICH, 1953-1976, p. 204).

A relação entre Reich e o meio psicanalítico também se tornara, desde o final da década de 1920, como mencionamos no início deste artigo, conflituosa: diferenças teóricas, metodológicas e políticas evidenciaram-se pouco a pouco. O autor considerava a teoria da libido como um dos pilares da obra freudiana, mas, em sua avaliação, a tendência geral, entre os psicanalistas, era a de relegar o conceito de “energia sexual” a um segundo plano, o que implicaria, dentre outros efeitos, uma “descientificação” da Psicanálise. Além disso, Reich passou a criticar veementemente o conceito freudiano de pulsão de morte, e suas propostas no campo da técnica terapêutica começaram a se distanciar da metodologia clínica psicanalítica.

Em agosto de 1934, realizou-se em Lucerne, na Suécia, o 13o Congresso Internacional de Psicanálise. De acordo com os relatos de Reich, foi durante esse evento que se concretizou sua expulsão da *Associação Psicanalítica Internacional (IPA)*². Como vimos logo acima, o autor vinha criticando aspectos do pensamento freudiano e a pouca atenção que, a seu ver, os psicanalistas estavam dando à perspectiva energética. Mas, como analisa Wagner, a exclusão de Reich do movimento psicanalítico deveu-se, muito mais, ao incômodo que sua militância política suscitou na cúpula da IPA, no delicado momento da ascensão de Hitler ao poder:

Não há dúvida de que Reich pertencia ao grupo de psicanalistas que situava o conflito humano na fronteira entre indivíduo e sociedade. E que ele e outros representantes dessa facção sofreram, além da perseguição nazista (como praticamente todos os representantes da psicanálise), uma outra perseguição, e esta vinha de dentro da própria instituição psicanalítica. Além de Reich, outros psicanalistas de esquerda foram orientados, pelas instituições psicanalíticas a que estavam filiados, a abandonar a militância política (WAGNER, 1995, p. 60).

Em janeiro de 1933, com a ascensão de Hitler ao poder, Reich precisou fugir de Berlim. Seus livros foram incinerados publicamente e ele estava sendo procurado pelas forças policiais nazistas. Após um período de peregrinação, em busca de um país em que pudesse se estabelecer, o autor mudou-se para a Noruega em 1934, vivendo em Oslo por aproximadamente cinco anos. Em 1939, um pouco antes da eclosão da Segunda Guerra Mundial, Reich imigrou para os Estados Unidos da América, país em que passou os últimos dezoito anos de sua vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao rever, na maturidade de sua obra, o período em que militou politicamente na Europa, Reich revelou que sempre tivera desconfianças em relação ao movimento de esquerda em Viena e Berlim: “Nunca acreditei realmente que os socialistas e comunistas estivessem aptos a resolver os problemas emocionais humanos” (REICH, 1953-1976, p. 10, tradução nossa).

Em suas autocríticas da década de 1950, ele admitiu, também, ter incorrido em dois erros. O autor considerou como seu primeiro erro estratégico a tentativa de buscar apoio político-partidário para os projetos sexo-econômicos do período 1927-1933: “teria sido melhor se eu tivesse limitado o movimento, nos primeiros dez anos, à criação de clínicas” (HIGGINS; RAPHAEL, 1967-1972, p. 81, tradução nossa). Reich acreditava ter cometido um segundo deslize quando desconsiderou as barreiras caracterológicas e estruturais à liberdade: “era um erro acreditar que bastava falar para as pessoas a respeito das neuroses e da felicidade para que elas fossem capazes de compreender e mudar” (HIGGINS; RAPHAEL, 1967-1972, p. 45-46, tradução nossa). Em virtude desses “erros”, o autor quis dar, em 1952, um aviso aos “futuros movimentos de higiene mental”:

Nunca procedam de maneira política! As pessoas ficarão muito entusiasmadas a respeito. Irão vibrar. Irão se inflamar. Mas as suas estruturas não as acompanham. [...] A discrepância existente entre aquilo que um ser humano quer, aquilo com o que sonha, aquilo que intelectualmente considera como verdadeiro e bom e aquilo que ele realmente pode fazer, ou seja, o que a sua estrutura, a estrutura de caráter de fato lhe permite realizar, é um grande problema em higiene mental (HIGGINS, RAPHAEL, 1967-1972, p. 82, tradução nossa).

Apesar da decepção vivenciada com a política partidária, Reich (1953-1976, p. 8, tradução nossa) não abandonou, nas etapas posteriores de seu trabalho, as preocupações de índole social: “O político em mim morreu, mas o médico trabalhador, o cientista pesquisador e o sociólogo não apenas

permaneceram, mas, até agora, realmente sobreviveram ao caos social". Prova disso foi a fundação, em 1949, do *Orgonomic Infant Research Center*, uma instituição multidisciplinar dedicada ao desenvolvimento infantil. Fundamentado na "Orgonomia" (vocábulo utilizado por Reich para indicar a totalidade de sua obra e para designar a ciência que estuda as manifestações da "energia orgone", uma força primária e primordial que o autor julgava ter detectado nos domínios do vivo e do não-vivo), o *Centro de Pesquisas Orgonômico da Infância* tinha por objetivo averiguar detalhadamente e prevenir distúrbios emocionais em recém-nascidos e crianças pequenas.

O autor, em suma, continuamente criticou, ainda que de distintas perspectivas, as ideologias negadoras da vida, buscando, sempre que possível, integrar suas teorias a projetos de cunho social.

Mas no que se refere estritamente ao trabalho reichiano de conotação freudo-marxista, é inevitável indagar se essa experiência do período 1927-1933 pode fornecer elementos para se pensar intervenções sociais em nossa atualidade. Trata-se de tarefa, sem dúvida, sedutora, mas que antes de tudo exige, a nosso ver, uma reflexão a respeito de um dos fundamentos da produção reichiana: a perspectiva científico-natural. Reich sempre declarou simpatia pelos referenciais de cunho científico que detectou nas obras de Marx e Freud, e foi como cientista que afirmou ter participado do movimento de "higiene sexual". Mesmo os pressupostos especificamente reichianos – a teoria da potência orgástica, a Economia Sexual, o conceito de couraça do caráter – foram tingidos por essa concepção científicista, orientação esta que, aliás, perpassa a globalidade de sua obra (BEDANI, 2007). Em suma, a política, para o Reich do período aqui considerado, era ela própria uma forma de exercício da ciência natural.

Assim, avaliamos que antes de qualquer transposição do trabalho sexo-político de Reich para nossa contemporaneidade, faz-se necessário considerar as singulares condições históricas em que aquele trabalho se desenvolveu, os valores associados à perspectiva científico-natural e as implicações decorrentes da intersecção entre Política e Ciência.

Contextualizações desse gênero permitirão, certamente, apreciar sob uma nova ótica a Sexologia Política de Reich e examinar, a partir de necessidades e parâmetros mais atuais, temas sem dúvida fundamentais, tais como a crítica do autor à visão freudiana de cultura, as formulações teórico-epistemológicas a que chegou em sua tentativa de associar as obras de Marx e Freud e a questão, tão contemporânea, da defasagem existente entre a irrupção de novos valores e o conservadorismo caracterial.

REFERÊNCIAS

ALBERTINI, P.; SIQUEIRA, F. Z.; TOMÉ, L. A.; MACHADO, T. L. Reich e o movimento de higiene mental. **Psicologia em estudo**, v. 12, n. 2, maio-ag., 2007, p. 393-401.

BEDANI, A. **Energética e epistemologia no nascimento da obra de Wilhelm Reich**. 2007. 176 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CÂMARA, M. V. de A. **Para além do claustro bipessoal**: proposições teóricas para uma psicoterapia grupal de base reichiana. 1999. 193 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social e da Personalidade) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

HIGGINS, M.; RAPHAEL, C. (Org.). **Reich speaks of Freud**. New York: Condor Book, 1967-1972.

MALINOWSKI, B. **Estudios de psicologia primitiva**. El complejo de edipo. Tradução Von Haselberg. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1926-1963.

_____. **A vida sexual dos selvagens**. Tradução de Carlos Sussekind. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1929-1983.

Matthiesen, S. Q. **A educação em Wilhelm Reich** – Da psicanálise à pedagogia econômico-sexual. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

_____. **Organização bibliográfica da obra de Wilhelm Reich**: bases para o aprofundamento em diferentes áreas do conhecimento. São Paulo: FAPESP/Annablume, 2007.

OLLMAN, B. Introduction. In: REICH, W. **Sexpol** - Essays 1929-1934. New York: Vintage Books, 1972.

RAMALHO, S. **Psicologia de massa do fascismo**: Reich e o desenvolvimento do pensamento crítico. 2001. 280 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

REICH, W. The imposition of sexual morality. Tradução Anna Bostock, Tim DuBose e Lee Baxandall. In: _____ . **Sexpol** – Essays 1929-1934. New York: Vintage Books, 1935-1972.

_____. **Psicologia de massa do fascismo**. Tradução J. Silva Dias. Porto: Publicações Escorpião, 1933-1974.

_____. **O combate sexual da juventude**. Tradução Jorge Silvano. Porto: Dinalivro, 1932-1975.

_____. **People in trouble**. Volume two of the emocional plague of makind. Tradução Philip Schmitz. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1953-1976.

_____. **The sexual revolution**. Toward a self-regulating character structure. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1986.

_____. **The function of the orgasm**. Sex-economic problems of biological energy. Tradução Vincent R. Carfagno. London: Souvenir Press, 1942-1989.

_____. **Psicologia de massas do fascismo**. Tradução Maria da Graça M. Macedo. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1933-s.d.

RUBIN, L. R. Wilhelm Reich e Anna Freud: sua expulsão da Psicanálise. **Revista da Sociedade Wilhelm Reich do Rio Grande do Sul**, v. 2. n. 2, p. 4-14, dez. 1998,

WAGNER, C. M. **Freud e Reich** – Continuidade ou ruptura? São Paulo: Summus Editorial, 1995.

[Endereço para correspondência](#)

Ailton Bedani
E-mail: abedani@terra.com.br
Paulo Albertini
E-mail: palbertini@usp.br

Recebido em: 15.04.2009
Aprovado em: 03.07.2009

¹ Em português, um valioso material sobre o acervo bibliográfico de Reich pode ser encontrado em Matthiesen (2007).

² Ver, também, sobre o assunto, o enfoque da psicanalista e filha de Reich, Lore Reich Rubin (1998).